

homem por trás das palavras

Felipe Chibás¹

• XII •

*“Roma Victore!”
(Victoria à Roma!)*

PRIMÍCIAS

Avontade desta tentativa de discurso ensaístico é a de enfatizar e refletir sobre o modo como a proposta literária do escritor gaúcho Victor

1. Professor doutor do curso de Relações Públicas na USP. Psicólogo pela Universidad de La Havana. Mestre em Integração da América Latina. Doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Creatividad y Cultura: incógnitas y respuestas*.

*h*omem por trás das palavras

Aquino se singulariza nesse notável conto, *Os três “hermanos”*, isto é, sobre como essa obra se aproxima do pensamento latino-americano em termos de conteúdo e em termos estilísticos de autores tão diferentes como Alejo Carpentier e Gabriel García Marquez. Um terceiro propósito que pode ser enunciado é o de entender a obra no seu contexto, ou seja, entendendo a complexa personalidade do autor e sua controversa época.

Com estes propósitos e desde a perspectiva do leitor contemporâneo, este ensaio também pretende interpretar a dita obra situando-a sob o signo da originalidade num duplo sentido. Em primeiro lugar, realçando o fato da solução inesperada no seu final e em segundo, realçando o humor implícito na mesma.

CONTRASTES E APROXIMAÇÕES

Desde o título bilíngue em português e espanhol, *Os três “hermanos”*, se insinua a intenção do autor de enunciar o tema que irá abordar durante as páginas seguintes. Assim como se percebe também, nesse título, uma pincelada de humor.

Seguidamente, como num filme de Pedro Almodóvar, com uma narrativa ágil, porém exaustiva em detalhes, o autor nos introduz num ambiente de subúrbio nova-iorquino, uma espécie de submundo latino, mas por

*h*omem por trás das palavras

incrível que pareça, super-próximo da Broadway, sede dos melhores teatros e auditórios de New York. São nesses contrastes que está um dos atrativos da narração.

Português, espanhol, inglês, e também patuá e *espanglish* se misturam numa língua só na fala dos personagens. Contrasta também a sofisticação na vestimenta e linguagem do “visitante” que domina várias línguas, comparada com a simplicidade dos outros personagens.

A história é contada através do olhar de um personagem nomeado como o “visitante”, o Luis Henrique Silva. Adivinha-se no visitante que chega do Brasil o próprio autor e também o olhar do Brasil como país para o resto dos países latino-americanos. Um olhar muitas vezes crítico, distante, dubitativo, com receio, mas também com sinceras simpatias.

No começo se sente no “visitante” uma certa pose de rocha, rocha de carne, mas rocha que vai sendo amolecida no decurso do conto.

A obra em análise é daquelas que introduzem o imprevisto na convencional evolução dos fatos cotidianos, mesmo naquele mundo estadunidense dos anos 1960, descritos no texto.

Descreve um prédio quase obsoleto, local fedorento, com habitações pequenas, de onde aos poucos vão

*h*omem por trás das palavras

surgindo personagens cubanos, latinos inicialmente escuros, sem brilho, mas que aos poucos vão revelando sua luz interior. Aqui o estilo do autor é permeado pelos tons de cinza, que às vezes relembra ao Ernest Hemingway (2012) pelo uso direto da linguagem, quando comenta detalhes do prédio e de suas personagens:

Tudo cheirava mal por ali. Mau cheiro de alguma coisa em decomposição, talvez, misturado ao odor azedo exalado por um amontoado de capas de chuva molhadas, penduradas umas sobre outras em prego feito cabideiro na parede descascada próximo à porta de entrada. Amontoado que obstruía parcialmente a vista de meia dúzia de quadros de retratos antigos... (AQUINO, 2008)

Em outro trecho do texto refere:

A aparência das senhoras, como dos dois homens que continuavam a conversar, era a evidência de inusitado contraste. Nem só as roupas daquelas pessoas, como o que diziam umas para as outras, dava conta de que tudo por ali estava fora de lugar. (AQUINO, 2008)

*h*omem por trás das palavras

CONTROVERSO SENTIR LATINO:
MÚSICA, CULINÁRIA E
GESTÃO COMO FATORES
DE INTEGRAÇÃO

Aquino abusa da ironia, mas também chega vestido de outras emoções na trepidante narrativa que depende ao contar os acontecimentos.

A história, o miolo do que é contado, é simples: um brasileiro representante de uma instituição esotérica brasileira chega para encontrar com presidente de uma entidade homóloga, supostamente poderosa e norte-americana, no coração de *New York* e se surpreende com esse outro universo latino descoberto de forma repentina e inesperada, onde a organização é comandada por um cubano e composta por latinos das mais diversas origens, sem rasto de um norte-americano. O visitante do Brasil descobre também o senso de cooperação, ajuda e solidariedade presente em todos.

Chega então à proposta quase irrecusável do jantar feito pelo presidente da associação esotérica “americana”, motivo da visita do brasileiro, que se contrapõe ao ingresso já comprado para assistir a um show da Broadway. Há um conflito interno do narrador em *off* acreditar ou não nessas pessoas desconhecidas daquela turma pitoresca, sorridente, de roupas e maneiras simples, naquele lugar distante, longe de seu país. O “visitante” tem que escolher

*h*omem por trás das palavras

entre o já planejado, o *chic*, o céu pregado de estrelas cinematográficas da Broadway e o jantar dos pobres latinos. Os cubanos e os outros latinos prometem que reaverão o ingresso. Ele não acredita, mas por inacreditável que pareça, o viajante cede às pressões da turma latina e escolhe ir ao jantar, deixando o ingresso já comprado nas mãos dos “novos amigos” para sua ulterior troca.

Interessante ver que a postura do “visitante” se parece bastante com a postura diplomática do Brasil em muitos dos eventos que envolvem outros países da América Latina, nos quais devem-se fazer votações. Postura às vezes indecisa, mas que quase sempre no final se aproxima de seus vizinhos.

Esse conflito se resolve pelos próprios fatos. No final não se sabe como, mas tudo se resolve: criatividade latino-americana. Até o ingresso é trocado e o “visitante” consegue ir ao desejado show da Broadway.

Dessa maneira o autor vai criando uma obra que não é uma história de amizade, mas também a é; desmistifica tudo, inclusive as crenças sobre como funciona o cotidiano latino nos Estados Unidos; relativiza valores; zomba de contradições e propõe uma ruptura com o tradicional, questionando a história dos nossos países a partir da realidade crua e verdadeira vivenciada quase em carne própria pelo leitor a partir da força das palavras do autor.

*h*omem por trás das palavras

Como na pintura *The invisible lovers de Dali*, o quadro final é bem surrealista, misturando na mesma cena elementos reais e oníricos: um trio de cantores *mariachis* “mexicanos”, integrado por três latino-americanos, sendo que nenhum deles é mexicano. Um deles é da República Dominicana, o segundo, da Costa Rica e o terceiro, panamenho.

Para completar, um dos cantores latinos era a Maria Graciosa Grael, uma mulher disfarçada de homem, que gostava de ser chamada pelo sobrenome, Grael.

Destaca-se na obra a música como fator de integração. Como sabemos, não apenas a música mexicana, mas também a música de origem cubana, rotulada comercialmente como salsa, é um dos símbolos emblemáticos da comunidade latina no *Brooklyn* em *New York*, Miami e em todos os Estados Unidos.

Mas como bem coloca o autor:

A cultura latina, pode-se dizer, vai muito além da riqueza de semelhanças e diferenças, de paladares e cores, de múltiplos sons e fazeres. Não seria de estranhar, portanto, como aquele grupo valeu-se da oportunidade e ocasião para gerar um novo negócio que beneficiava tantos naquela comunidade (AQUINO, 2008).

*h*omem por trás das palavras

BARREIRAS CULTURAIS E PERSONAGENS DE AQUINO

A submarina inquietação do autor mergulha na dinâmica dos seus personagens. Por isso, os envolvidos nessa empreitada do trio de *mariachis* se integram também no nível de montar e gerir o micronegócio do trio como via para subsistir. Este fato, além do humor enrustido na situação, mostra as dificuldades que para sobreviver enfrentam os latinos nos Estados Unidos.

Os personagens de Aquino, os cubanos e os dos outros países, Benito Gandra e sua esposa, Alzira Gandra; Dolores Robledo, madre de Paco Robledo, Pepe Valdez; Juanito, Carlos Basigual, Felipe Arconada, Grael, Ana Milagros, Tiburcio Cabral, Rafaelito Flores e sua esposa, entre outros, são representantes de uma “tribo” excluída dos holofotes da *Broadway*.

Destaca-se dentre deles o presidente da associação esotérica, Benito Gandra, que não perde a posse da dignidade presidencial, apesar de ser mais um excluído, que apenas conseguiu chegar a ser carteiro naquela sociedade.

E aqui é onde o conto se descobre extraordinariamente revelador em termos ficcionais, dado que o autor levanta com maestria inigualável, o tema das barreiras culturais à comunicação norte-sul quando explica a situação pela qual os latinos excluídos tiveram que fundar sua própria associação esotérica:

*b*omem por trás das palavras

Quatro ou cinco jamaicanos, dois hondurenhos, sete costarriquenses, três panamenhos, dois salvadorenhos, onze venezuelanos, quase vinte mexicanos, um amazonense, dois nicaraguenses e até um chileno. Todos residentes nos Estados Unidos. Todos recusados na sociedade esotérica tradicional. Não preenchiam as exigências estatutárias. A principal dessas exigências era o chamado perfil sociocultural. (AQUINO, 2008)

A proposta literária do escritor se singulariza neste notável e atípico conto, isto é, sobre como a sua obra se aproxima do realismo mágico através da intimidade literária com seus personagens e cenários surreais, oferecendo uma outra resposta possível à grande questão da qual direção a narrativa deve seguir.

Neste novo olhar sobre a vida dos latinos nos Estados Unidos, que por mecanismos de sobrevivência devem se unir criando nexos entre si, independentemente da sua nacionalidade de origem.

Seguindo este ponto de vista, o conto pretende decompor o fato evidente da necessidade de integração e superação das barreiras culturais entre os nossos povos. Um momento interessante neste sentido aparece a partir da cultura culinária:

Logo outro funcionário chegou carregando uma grande quantidade de grossos cardápios, que foram passados às mãos de cada um na mesa. No exemplar correspondente, verificou que constavam iguarias

*h*omem por trás das palavras

e pratos típicos de Cuba, Costa Rica, Guatemala, México, Venezuela, Colômbia, Nicarágua, República Dominicana, Equador, Peru, Bolívia e Porto Rico (AQUINO, 2008).

DIGRESSÕES SOBRE O ESTILO DO AUTOR

A síntese é uma das características próprias do estilo do autor, mas nem tanto quanto foi expressa num outro livro de sua autoria “1 hora e 59 contos-minuto” (2012) que se adivinha com o mesmo estilo humorístico, sarcástico e expressivo, presente naqueles 59 contos, porém muito mais extenso nesta obra. Ácido e bálsamo, doença e cura ao mesmo tempo. Por momentos relembra a Ernest Hemingway em “Adeus às armas” (2012) pelo estilo incisivo, breve. Mas também ao Gabo, Gabriel García Marquez (1968), no romance “Ninguém escreve ao coronel”, pela nitidez da descrição do estado interior dos personagens.

Inspirado por um cânone heterodoxo nesta história de Aquino, sente-se também Machado de Assis, na sua crítica velada às posturas das classes dominantes, quando mostra o errado que estava o “visitante” na sua avaliação inicial da situação. A parte do discurso literário dedicado a descrever o *glamour* de *New York* é bem breve, deixando claro onde está o real interesse do autor.

*h*omem por trás das palavras

Durante todo o texto se sente uma música de fundo presente na estrutura sintática do conto. Pode ser de Villa-Lobos ou Ernesto Lecuona, samba ou “*son*” cubano, repique que mistura a música de câmara com a popular. Mas desde o início se sente um ritmo interior que vai além das palavras. No final, essa música interna também explode nas canções tocadas pelo trio “mexicano”.

O narrador nos conduz de forma espetacularmente simples para o final. Mas suas palavras traduzem uma força imperial. A descrição das emoções internas é nitidamente visível: da perplexidade e o desconforto inicial, passa para a dúvida, até que finalmente se sente a alegria, quase orgiástica, definitiva no jantar.

Se percebe uma evolução psicológica do “visitante” ou narrador em *off* do texto, que parte de uma perspectiva crítica de rejeição do grupo de cubanos e latinos para, aos poucos, passar para a atenção, e depois transitar pelos ansiosos caminhos da dúvida, atravessando a janela da surpresa e finalmente desembocar numa apoteose de prazer e confiança nos inicialmente desacreditados latinos. No jantar final, queira-se dizer, a festa na qual cantam três *hermanos* “mexicanos”, que não são mexicanos, senão costa-ricense, dominicano e panamenho, o fino humor intrínseco em toda a narrativa, se faz presente de maneira explícita.

A estética seguida durante todo o texto é a do real no maravilhoso ou do maravilhoso no real, assim o

*h*omem por trás das palavras

feito se torna bonito, o sujo se torna limpo, belo. Neste ponto o autor se aproxima de Carpentier em “O reino deste Mundo” (1985), mas utilizando recursos literários distintos. A magia da perfeição criativa acontece mesmo quando parece que tudo deveria dar errado:

Mas se Alzira Gandra não lhe tivesse contado nada, dificilmente ele poderia supor que nenhum dos artistas era mexicano. Tudo aquilo parecia uma aberração, sem dúvida, mas era um trabalho artístico perfeito. Igualmente, se não tivesse sabido que Pepe Valdez era motorista de limusine, Paco Robledo, funcionário do departamento de trânsito, e que Grael trabalhava em uma empresa de segurança, jamais imaginaria que não eram artistas profissionais (AQUINO, 2008).

Neste conto, a concepção de linguagem não se prende ao sentido denotativo, senão que potencializa os tropos utilizados através dos distintos personagens, como símbolos que potencializam as ideias subliminares defendidas pelo autor.

Dessa forma, realçando o fato de a solução final da história não ser genérica, mas particular, o autor trabalha primariamente com convenções realistas, permitindo a partir delas a intrusão de sequências lógicas que vão repentinamente dando breves saltos que cristalizam num final veloz e inesperado.

*h*omem por trás das palavras

LATINO-AMERICANISMO

Um dos achados ficcionais do texto de Aquino mais significativo e original é o de descrever uma nova concepção do sempiterno latino-americanismo, muito mais próximo, realista e cotidiano.

Num modo de narrar direto, penetrante e emotivo, o autor remove nossas barreiras, inseguranças e olhares a respeito do outro. Frisando, com a purgação de ciclopes, certezas racionais que temos sobre o “outro” e sua cultura, herdadas através de séculos de estranhamento e pseudoconhecimento de nós mesmos e do outro, próximo geograficamente, mas distante psicologicamente. Este olhar tem uma novidade desconcertante, não apenas para a literatura brasileira, senão também para a latino-americana, que se caracteriza pela sua submissão ou seu radicalismo e nacionalismo extremos, ou por optar pelas chamadas ideologia de esquerda ou de direita, sem enxergar um ponto de equilíbrio.

A dura realidade de quem mora fora de seu país (voluntária ou involuntariamente) mostrada pelo narrador, relembra a José Martí, herói nacional cubano que morou durante anos nos Estados Unidos, especificamente em *New York*, preparando a guerra libertadora de Cuba contra Espanha, período durante o qual conviveu com pessoas provenientes dos mais diversos povos latino-americanos e lutou como ninguém para uni-los em função da luta pela

*h*omem por trás das palavras

independência (MARTÍ, 2011). Essa vivência multicultural, de partilhar coisas, situações difíceis e alegrias, sem dúvidas também forjou seu caráter, pensamento e obra, como no caso do autor e obra que é objeto desta análise. Mas a visão de humanidade do autor desta narração, ultrapassa a realidade descrita no texto, estende-se além da centelha da utopia da unidade latino-americana, para falar de valores, que não são nem modernos, pós-modernos nem pós-humanos, senão simplesmente humanos, eternos. Neste sentido, os personagens de Víctor Aquino são mais necessários do que nunca, com sua alegria tocante e irmandade certa, num mundo tecnológico, ultrarrápido, *online*, por vezes em extremo distante, superficial, sem leituras essenciais, com descrédito de todas as ideologias, onde tudo ou quase tudo é virtual e para ontem, falta tanto à verdadeira solidariedade humana, à amizade singela e ao olhar sincero do fundo do coração.

A criação cria outro mundo possível. Por isso, em “Os três hermanos” a ficção, a auto compreensão humana está no encontro inesperado com os latinos de *New York*.

As contradições e ambiguidades presentes no personagem principal, o “visitante” Luis Henrique Silva, são o leitmotiv que guia seu trabalho. A literatura, quando bem feita, narra o sentido comum, mas faz o leitor sair da realidade e ir para outros mundos possíveis ou impossíveis. É o que acontece nesta história, que mostra a polissemia ou a multiplicidade de diferentes entendimentos do texto literário.

*h*omem por trás das palavras

Em suma, a fim de destacar todas estas incertezas e certezas prévias, este ensaio procurou analisar esse incomum encontro das culturas latino-americanas num local impensado. A ideia principal defendida no texto é que somos irmãos apesar de tudo e que a unidade latino-americana ainda prevalece nas diferenças, mesmo num ambiente hostil, como poderia sê-lo um espaço tão próximo da Broadway, um dos lugares mais badalados e seletos de *New York* no qual pessoas simples de outras terras se viram obrigadas a sobreviver. E é essa unidade latino-americana a nave que, na tempestade da incerteza, nos salva a todos no fim da história.

THE MAN BEHIND THE WORDS

Pensar na literatura, seja ela contemporânea ou não, implica deparar-se com questões que envolvem, sobremaneira, a obra, o autor e seu contexto. Considero essas relações cada vez mais indissociáveis. Por isso, comentar um pouco sobre o autor e seu contexto pode ajudar a entender sua obra. Tenho o privilégio de dizer que conheci o autor e senti viventes e palpitantes suas emocionantes palavras. Conheci-o através de um amigo comum, o professor Massimo de Felice, quando passeavam juntos pelos corredores da ECA, numa inesperada tarde de calor paulista.

*h*omem por trás das palavras

Victor Aquino, nascido em 1948, no Rio Grande do Sul. Depositário de um conhecimento e cultura ímpares, tocou-lhe viver tempos convulsos, como os da ditadura militar e os das Diretas já. Memória prodigiosa que lembra cada detalhe do que aconteceu no mundo, no macro e no micro, no mundo, seu mundo...

Tanto nas suas conversas como na sua obra percebe-se a constante fusão entre o real e o imaginário. Homem cosmopolita e de refinados costumes, sabe também contemporizar com as pessoas simples, a quem trata com especial carinho.

Gaúcho, gauchíssimo, doem-lhe até hoje as cicatrizes da Guerra dos Farrapos... De uma sensibilidade extrema, capaz de diagnosticar com um olhar radiográfico de psicólogo quaisquer mortal que passe na sua frente, possui qualidades de líder natural.

Tem amplo trânsito com os jovens e antigos ecanos (alunos e graduados da ECA, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-USP) e funcionários, o que faz de forma espontânea, natural. Conserva e cultiva a amizade com os colegas e amigos antigos e atuais. Contribuiu de maneira essencial desde as diversas funções que ocupou ao forjar a ECA, como o que ela é hoje: uma instituição de elevado prestígio internacional, com excelentes profissionais intelectualmente falando e de altos valores éticos e humanos.

*h*omem por trás das palavras

Deve ser um desafio muito grande escrever uma palavra, apenas uma, após escrever e publicar em torno de 68 livros e outros tantos artigos e capítulos em várias línguas e países e mais de 40 anos de USP em funções de direção de alto nível. Seus interesses abrangem temas tão diversos como a Publicidade e Propaganda, a Estética e a Ética, Filosofia, a Comunicação e o Marketing, a Moda e a Literatura, entre outras.

Ser tão conhecido, tão publicado, impõe alguns desafios, tais como os de: Como não se repetir? O que pode ser algo novo para mim? Como saber qual é o elogio sincero, verdadeiro, amigo? Mesmo assim, ele continua desafiando o tempo, conceitos e palavras com uma inteligência e clareza únicas.

Polêmico como todo bom intelectual, é um fiel representante de sua época. Se me pedissem para defini-lo em poucas palavras, diria que é um tribuno romano ou condottiere do século XXI, um buscador de conceitos e vida além das palavras, que empresta sua espada para as boas causas, entrando para a eternidade de cabeça erguida. Para os escritores, como ele, a vida é isso que transcorre enquanto visitamos paisagens imaginadas, paredes de palavras, nuvens abstratas. A dele transcorreu e transcorre na USP. Lugar que conhece como ninguém e como ele próprio diz: “Aqui me vi envelhecer na frente dos espelhos do toalete”. Esse espírito você também sente na sua obra. Espírito de pesquisador, de mente aberta a todas as

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*omem por trás das palavras

correntes filosóficas, estéticas, esotéricas e culturais, sem estereótipos nem preconceitos. No seu nome está escrita a vitória.

Victore!

REFERÊNCIAS

AQUINO, Víctor. **1 hora e 59 contos-minuto**. Instituto da moda: São Paulo, 2012.

_____. **Os três “Hermanos”**. Instituto da moda: São Paulo, 2008.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1985.

HEMINGWAY, Ernest. . Saraiva e Editora Bertrand: São Paulo, 2012.

MARQUEZ, Gabriel García. **Ninguém escreve ao coronel**. Publicações Europa-América: Lisboa, 1968.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Brasília: UnB, 2011.